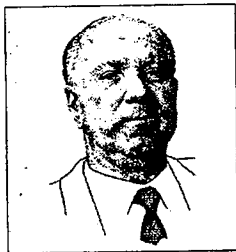


O paradoxo Fernando Henrique 10 FEVEREIRO 2000



Bastou ao presidente ganhar duas eleições para se distanciar fisicamente do povo

No ano passado, nesta mesma página, escrevamos que Fernando Henrique pode até ser um estrategista brilhante do poder, só não é um tático. Para entender melhor essa distinção entre o estrategista e o tático vamos propor um exemplo tosco e simplório, mas da maior clareza. Imaginemos a

criação de um supermercado novo. O estrategista é o planejador, aquele que sabe organizar o sistema do novo estabelecimento em sua totalidade, levando em conta a situação do mercado, a localização do imóvel, as preferências do público e o nível de poder aquisitivo do bairro. Só que, para funcionar, o supermercado precisa de um bom gerente, que acompanhe o movimento do negócio dia a dia, hora a hora, dirija o pessoal, feche as compras e fique de olho nas menores solicitações do cliente. O planejador, o responsável pela estrutura funcional da loja, é o estrategista; o gerente, o encarregado da vigilância e das medidas de urgência, é o tático.

A função básica do gerente é a presença, a presença física no local de trabalho. O gerente tem de ser visto e conhecido por todos, estar ao alcance dos empregados e dos clientes. Essa visibilidade é que garante seu prestígio e sua autoridade. No caso de nosso querido presidente, bastou ele ganhar as eleições (duas vezes) para se distanciar fisicamente do povo. A televisão não basta. A imagem eletrônica é fria e remota. O presidente tem de aparecer em pessoa, ao vivo, tem

de circular por toda a parte, ao alcance da vista e dos ouvidos do cidadão comum. O presidente Lagos, do Chile, nem bem foi anunciada sua eleição, foi visto jogando pingue-pongue numa clínica para recuperação de drogados. Demagogia eleiçoeira? Não, ele já estava eleito. O presidente Clinton não hesita em partir para a frente de combate, juntando-se aos soldados, falando e comendo com eles. O presidente Chirac, o primeiro-ministro Tony Blair correm para junto dos flagelados e das vítimas das intempéries da natureza.

A pergunta é: o que fez Fernando Henrique depois do vazamento de óleo que enludou a Baía de Guanabara e impactou o País inteiro? Por acaso o presidente da República dirigiu-se ao local da catástrofe para emprestar solidariedade aos moradores, aos pescadores, aos comerciantes? A imprensa cobriu o episódio sem restrições. Só a revista *Veja* (sem trocadilho!) minimizou a tragédia. Por que razão o presidente, pessoa humana e sensível, não compareceu ao cenário daquela tragédia ambiental? Provavelmente porque, na sua cabeça de intelectual que se propõe a reformar os costumes políticos em nossa terra, atitudes como essa, de ser visto com a população sofredora, soam como populismo e demagogia barata. Um caso de "respeito humano" muito comum nos presidentes intelectuais. Sarney não dava soco na mesa em hipótese alguma. Fernando Henrique não aperta a mão dos carentes nem se deixa

abraçar por populares. Um tremendo erro tático sob a capa da sobriedade e da discrição. Demagogia e populismo é enganar o povo, prometer o impossível, alimentar falsas esperanças, e não dar e receber calor humano. No dia em que FHC mudar o seu comportamento e se abraçar com a população, sua popularidade subirá como um rojão. O chefe do Executivo tem de governar de corpo presente.

O gerenciamento tático do governo era exercido com brilho por Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães. Eram eles os elementos de ligação do presidente com o Congresso, os partidos e as associações de classe. O desaparecimento daqueles dois políticos experimentados foi um golpe drástico na governabilidade de FHC. Eram e continuarão a ser insubstituíveis.

A falta de senso tático do presente governo é que se deve seu baixo desempenho social, econômico e tecnológico, sua deficiente governabilidade. A consequência é que as iniciativas estratégicas do presidente, como a reestruturação da máquina administrativa, a modernização do governo, as reformas, de necessidade tão apregoada, ou não se concretizam, ou só se realizam em parte. O Brasil está ficando conhecido como o país da meia-sola.

O verdadeiro político tem de ser um homem de ação, antes de tudo, um homem no qual o impulso de agir precede o pensamento. "Primeiro eu me engajo, depois eu penso", como dizia Napoleão. A impulsividade, refreada ou não, é que leva o político para a frente. Quando essa impulsividade se manifesta na capacidade contagiosa de decisão na condução dos homens, ganha o nome de *virtù*, que lhe deu Maquiavel. O frenesi da ação, a impulsividade, a *virtù* são a marca registra-

da do político puro-sangue. Ora, Fernando Henrique, como todos sabem, não é e nunca foi homem de ação, de impulsos nem de *virtù*. Ao contrário, ele pertence à família dos homens de teoria, de saber, de estudo. O intelectual no poder é quase sempre hesitante, reticente, claudicante, falho na tática, se não contar com alguém em que se apoie.

Ora bem, dito tudo isso, não se pense que o governo FHC mereça desqualificação total. Muito dificilmente qualquer governo é digno de total desqualificação, o que vale até para Collor de Mello. No tocante a Fernando Henrique, com toda a sua deficiência tática, ele pode não ser um político, mas é, certamente, um estadista. Um brilhante estrategista do poder, com a visão das diretrizes básicas que devem nortear o País, que se encontram no Programa Plurianual de Investimentos e no Avança Brasil. Ele propõe "eixos" de desenvolvimento, dentre os quais a continuação e o reforço do Mercosul, com a clara consciência do lugar reservado ao Brasil na comunidade internacional. Coisas de estadista. Fernando Henrique está em boa companhia. Rui Barbosa e Joaquim Nabuco são dois exemplos ilustres de grandes estadistas que também não eram plenamente políticos, ou foram maus políticos.

Queiram ou não queiram os desafetos de FHC, seu governo, com todos os defeitos e todas as fraquezas que possa ter, haverá de ficar como um governo histórico. Um governo não se mede só pelo que faz ou deixa de fazer, só pelo que colheu de resultados, mas também pelo que semeou para o futuro.

■ Gilberto de Melo Kujawski, jornalista e escritor, acaba de publicar o livro *O Sabor da Vida (ensaios)*, pela Letraviva